



**UFRJ**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
ESCOLA DE BELAS ARTES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA**

**PENSAMENTOS-PÁSSAROS**  
*Uma viagem a meu inconsciente*

**Alejandra Popa Espinoza / DRE 113130938**

Rio de Janeiro  
2019

**PENSAMENTOS-PÁSSAROS**  
*Uma viagem a meu inconsciente*

**Alejandra Popa Espinoza / DRE 113130938**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Setor Pintura, Dep. De Artes Base da Escola  
de Belas Artes da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, Curso de Graduação em Pintura,  
como requisito para a obtenção do título de  
Bacharel em Pintura

Rio de Janeiro  
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
ESCOLA DE BELAS ARTES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

Pensamentos-Pássaros  
Uma viagem a meu inconsciente  
Alejandra Popa Espinoza / 113130938

RESUMO: Este projeto está baseado numa pesquisa sobre o Surrealismo, tomando como ponto de partida textos sobre este tema e sobre a obra do artista belga René Magritte. A obra dele inspirou parte de cada processo utilizado no meu caderno de pesquisa. É também a partir das pinturas dele que estruturei cada composição. Meu objetivo principal é pintar “o inconsciente”, sob um olhar que traduza um pensamento que cause estranheza. Nessa série de pinturas, com viés surrealista, busco expressar como nossos pensamentos podem ser representados através de pássaros, utilizados como símbolo do pensamento.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Setor Pintura, Dep. De Artes Base da Escola  
de Belas Artes da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, Curso de Graduação em Pintura,  
como requisito para a obtenção do título de  
Bacharel em Pintura

Aprovado em  
Graduação em Pintura

---

Orientação | prof. Dra. Martha Werneck de Vasconcellos

---

Prof. Me. Lício da Silva

---

Prof. Dr. Julio Sekiguchi

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, quero agradecer à minha irmã, Ana Maria, por ter sido minha fonte de inspiração para este tema. Depois à minha analista, Mirta Zbrun, por ter entrado no meu inconsciente desde alguns anos atrás e, claro, ter sido de grande ajuda para a evolução desse projeto. A minha família em geral, que é de grande apoio na minha carreira como artista plástica.

## SUMARIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>1. SONHO FRAGMENTADO</b> .....	<b>8</b>
1.1. ESTUDOS PREPARATÓRIOS .....	13
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>2. O DUPLO SENTIDO</b> .....	<b>16</b>
2.1. ESTUDOS PREPARATÓRIOS .....	18
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>3. PENSAMENTOS SURGINDO</b> .....	<b>21</b>
3.1. ESTUDOS PREPARATÓRIOS .....	22
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>4. O QUARTO FILOSÓFICO</b> .....	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 5</b>	
<b>5. A PINTURA DE UM SONHO</b> .....	<b>28</b>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

A poética do meu projeto está baseada no Movimento Surrealista. Iniciei a pesquisa no curso de pintura com a problematização sobre o que deveria pintar. Nesse momento comecei a pensar e associar a representação através de trabalhos plásticos e o funcionamento da psique humana. Para isso tive que pesquisar imagens e toda a informação possível sobre este tema dentro da História da Arte e outros textos que estiveram relacionados ao tema.

Antes de entrar mais detalhadamente no Movimento Surrealista e nos fluxos que se desprendem dele, gostaria de dar espaço à subjetividade e explicar com ela funciona dentro deste projeto. Podemos entender este termo como um perfil que está composto por duas partes: interior e exterior. Para compreendê-lo com mais refinamento é possível entendê-lo como uma pele, com fatores que estão em constante movimento e em relação uns com os outros. Quero dizer com isso que opero com fatores que são do âmbito profissional, familiar, sexual, econômico, político e cultural. Com o passo do tempo, estes fatores vão se transformando, ou seja, tomando um corpo diferente, mudando.

Passemos agora a relacionar a subjetividade do ser humano e pensar como ela entra dentro do Surrealismo. Este é entendido, segundo Bradley, como:

“Automatismo psíquico puro, por meio do qual alguém se propõe a expressar - verbalmente, utilizando a palavra escrita ou de qualquer outra maneira - o verdadeiro funcionamento do pensamento, na ausência do controle exercido pela razão, livre de qualquer preocupação estética ou moral”. (BRADLEY, 2001, p.21)

Em outras palavras, esse automatismo é uma ação sem controle e a subjetividade humana está completamente dentro desta ação. No interior desse perfil humano temos sensações e logo reações que se podem expressar por diversos caminhos, como uma obra literária, um concerto musical, uma obra de arte e, como sempre, expressa de forma involuntária nosso inconsciente no funcionamento dos nossos sonhos.

Para dar um contexto sobre a primeira ideia exposta, “(...) a palavra surrealista foi criada em Paris no ano 1917 pelo escritor Guillaume Apollinaire (...) o dadaísmo foi anterior ao surrealismo”<sup>1</sup> e, segundo o escritor André Breton, tais movimentos foram “como duas ondas quebrando uma na outra”<sup>2</sup>. Quer dizer, ambos coexistiram e trocavam suas próprias ideias. Como o Surrealismo, o Dadá declarava que todas as atividades estão sempre em constante fluxo de criação, sem haver preocupação com o que rege a razão.

Como objetivo principal deste projeto de conclusão do curso, quero apresentar a minha representação de como funciona nosso inconsciente. Uso como meio de expressão um conjunto de pinturas baseadas em estudos prévios sobre o artista-suporte que venho pesquisando desde o início do curso, René Magritte. Estes estudos tratam de analisar e pensar a composição que ele utilizava na sua obra pictórica. Sobretudo, meu projeto está baseado na procura por entender a poética deste artista para relacioná-la com a minha. Também, utilizo a outros artistas surrealistas como referência para obter maior riqueza no trabalho.

O símbolo do pássaro, que sempre figura em meus trabalhos, o tomei como ponto de partida daquilo que seria o automático; “sem querer” me deu uma ferramenta para representar aquilo em constante movimento. Nossos pensamentos, no caso, nunca estão quietos, eles sempre estão em constante fluxo, como as aves. Elas se transladam a maior parte do tempo, de um lado ao outro, quase nunca estão paradas. São observadoras e, especialmente, livres como a nossa psique, que não tem limites na imaginação.

A metodologia usada para elaborar este projeto consta de uma pesquisa extensa de referências visuais fotográficas, bibliográficas e de artistas relacionados, servindo de ajuda no tema e na proposta plástica (composição, forma e cor). Para ampliar minha pesquisa tive que começar desde temas prévios ao surrealismo, ou seja, da subjetividade humana e o inconsciente. Depois de estudar e entender esses dois termos, comecei a entrar aos poucos em outras fontes bibliográficas que formam parte desta pesquisa. Como livros e textos sobre o surrealismo, o simbolismo é sobre meu pintor-suporte.

---

<sup>1</sup> (BRADLEY, 2001, p.6)

<sup>2</sup> *ibid.*, p.12

## CAPÍTULO 1

### 1. SONHO FRAGMENTADO

Neste primeiro capítulo do projeto, quero dar início a esta pintura que intitulei “Sonho Fragmentado”, que consiste em um tríptico. Por ser algo complexo para explicar, estou apresentando como uma introdução a esta pesquisa.

Decidi pintar um sonho como abertura ao tema porque ele engloba a poética toda. Antes de falar sobre os pensamentos, como o título expõe, temos que entrar mais profundamente neste tema.

Para começar temos que entender como funciona o processo psíquico do inconsciente, este refere-se a conteúdos mentais-emocionais não acessados pela razão, que se expressam de diversas formas como através de atos falhos, lapsos de linguagem, memórias esquecidas, reações autônomas e nos desejos, como é comumente conhecido nos sonhos. O inconsciente funciona como um baú repleto de emoções que anseia por se abrir e expressar tudo aquilo que guarda dentro de si mesmo. Geralmente os sonhos estão compostos por recortes do dia ou também de lembranças antigas, já vividas, chamadas de “restos diurnos”. Naquele processo começamos a produzir imagens que podem ser sonhos ou pesadelos, às vezes susceptíveis de ser lembradas posteriormente, ou provavelmente só como pequenos fragmentos. Mas também acontece que, numa terceira etapa, elas também podem ser esquecidas por completo, respondendo a uma reação de negação, relacionada a alguma experiência negativa anterior.

Podemos concluir então que os sonhos formam parte de um estado mental complexo e que todos nós temos, anexados a eles, acesso a experiências reprimidas e desejos que não puderam ser realizados no dia. Um estado mental que se expressa de muitas formas e que traz, inclusive, uma estranheza, um mistério.

Passemos agora para uma segunda etapa deste primeiro capítulo. A obra pictórica intitulada “Sonho fragmentando” está composta por três partes: duas telas pequenas de 40x30 cm e outra mediana de 80 x 100 cm. Todas elas formam parte de um conjunto pensado para ser exposto de forma específica. Como o título nos explica, neste caso o sonho está fragmentado/parcelado; quer dizer, dividido em partes, que se mostram como duas pequenas telas que se desprendem de outra tela maior, expressando



recortes, lembranças de um sonho já vivido. Cada uma em constante ligação com a outra pela sua cromaticidade e pelos elementos expostos nos três formatos.

Na produção utilizei como base inicial uma pintura do artista que, como disse, pesquiso desde o início do curso, René Magritte. A obra intitulada como “Valores pessoais” (1952) tem uma proposta interessante e uma composição particular. Um quarto qualquer com objetos gigantes fala com sua própria linguagem sobre um espaço que parece estar representando o estado mental de um sonho. A parede com tapete de nuvens dá a sensação de que o que está lá é um sonho, representado numa pintura.

Para dar início a toda essa elaboração precisei pensar na temática em si. O que significa Surrealismo e como Magritte procede na sua produção artística?

“¿De qué manera de produce la experiencia del arte? Gadamer sostiene que la obra de arte siempre nos dice algo, y en ese decir nos confronta con nosotros mismos, permitiéndonos descubrir algo que de algún modo se encontraba oculto (...) la obra de arte es objeto de la hermenéutica: nos dice algo a cada uno, pero, al captar y comprender lo que nos dice brinda la posibilidad de transferir su sentido a los otros.”<sup>3</sup>  
**(BARBIERI & JANOVICH, 2011, p.66)**

Partindo disso, analisei a pintura mencionada. Como já vimos aqui, a obra de arte sempre fala alguma coisa, tem múltiplos sentidos por trás dela e esses sentidos abrem portas dentro de nós, gerando perguntas. “Valores pessoais” nos fala sobre um quarto qualquer, onde se encontram objetos gigantes que pertencem ao dono desse espaço: uma taça de vinho, um sabonete, um fósforo, uma escova de cabelo e um pincel de maquiagem. Tudo isso representado em formato gigante e apresentado no espaço com uma ordem compositiva. Assim, os objetos falam entre si. Depois, no fundo deles temos uma parede-céu, que dá a ilusão de cenário onírico. Se pode inferir que o dono desse quarto estava sonhando com seus próprios objetos, todos eles em uma relação muito próxima a ele, de importância emocional. Sendo eles apresentados nesse tamanho, ocupam a posição principal da obra toda.

---

<sup>3</sup> T. da A.: “Como é produzida a experiência da arte? Gadamer pensa que a obra de arte sempre nos disse alguma coisa e naquele momento nos confronta com nós mesmos, permitindo-nos descobrir algo que algum modo se encontrava oculto. A obra de arte é objeto da hermenêutica: disse algo a cada um, mas ao captar e compreender o que disse permite a possibilidade de transferir seu sentido aos outros.”

## Sobre Magritte:

“¿Cuál fue su originalidad? La de ser un pintor de lo real y percibir que todo lo que el mundo ve constantemente “es el medio privilegiado para convertir lo convencional en enigma”. (MEURIS, 2007, p.38) Y por lo tanto revelar el misterio allí contenido. (...) Para él la pintura no era objeto de emoción, sino de reflexión. En su concepción estética jugaba con los opuestos: a. conocido-oculto; b. revelado-secreto; c. aparente-misterioso”<sup>4</sup>  
**(BARBIERI & JANOVICH 2011, p.66)**

Com esta base inicial, pude realizar o anteprojeto e o início da minha primeira obra apresentada neste capítulo. “Sonho fragmentado” nos conta como um sonho pode ser pintado, um processo psíquico relatado usando como meio de expressão uma pintura surrealista.

Sem uma planificação muito elaborada e foram acontecendo estudos preparatórios que iam compondo o tema. Uma imagem trazia outra de forma automática como símbolos que aos poucos consegui encaixar, e como sempre com muitos desvios no caminho, como em todo processo de criação. Depois de pesquisar as obras do meu pintor-suporte, percebi que a obra dele já mencionada funcionava em perfeita harmonia com as imagens que eu produzia na mente. Logo tive que traduzi-las no estudo-cromático para posteriormente transferir essa ideia numa pintura.

Entrando na minha pintura e nos elementos compositivos entendidos como conjunto, temos um céu diurno grande que abarca a pintura toda e funciona como fundo principal da obra. Visto isso, temos no primeiro plano um ovo gigante quebrado com a gema saindo dele, que escorrega até uma escada miniatura com patas de pássaro que funciona como uma espécie de imagem-dupla. Este método de fundir dois objetos que não tem relação comum foi criado na etapa surrealista para dar a entender equívocos na leitura da obra e produzir aquele efeito do maravilhoso. Tomei isso como base para criar esta imagem nessa pintura.

No lado esquerdo do quadro, onde se encontra o ovo gigante, temos um pássaro que funciona como objeto simbólico (origem automática) de cores primárias e que, por

---

<sup>4</sup> T. da A.: “Qual foi sua originalidade? A de ser um pintor do real e percebia tudo que o mundo vê constantemente, “é o meio privilegiado para converter o convencional em enigma”. E por tanto revelar o mistério ali contido. Para ele a pintura não era objeto de emoção, senão de reflexão. Na sua concepção estética jogava com termos opostos: conhecido-oculto, revelado-secreto, aparente-misterioso”

isso, chama muito a atenção. Ele observa atentamente o que está acontecendo na parte inferior do trabalho.

As cores vermelhas do pássaro se repetem na flor vermelha que nasce da escada miniatura. Esta ligação dá ao olhar um recorrido de ida e volta. Ajuda a dar um maior entendimento na leitura da obra como conjunto, também pela forma orgânica que possuem estes dois elementos da natureza. No lado direito da composição, temos uma árvore que aproxima suas ramas às nuvens e se misturam com ela para gerar mais estranhamento. Ao mesmo tempo, apontam ao pássaro.

Analisando a obra com mais refinamento, temos aqui uma composição equilibrada de poucos elementos e bastante simples em termos cromáticos. É pensando de forma mais abstrata que se pode traçar uma linha reta em diagonal que desce até a base da árvore e que depois sobe até as ramas, ao mesmo tempo em que a escada miniatura sugere e direciona o olhar com uma pequena diagonal até a ponta da árvore. Como o anterior, podemos entender os elementos na sua fase mais abstrata. Temos uma composição com um círculo (ovo) no lado esquerdo e um triângulo (escada e árvore).

Os dois elementos entendidos assim, se relacionam por sua cercania e pela repetição das mesmas cores nesses objetos. O pássaro que está na parte superior do ovo, se pode abstrair também como um triângulo e, por causa dessa figura geométrica, ela dá velocidade na composição e desce até encontrar-se com a base inicial da árvore. O olhar sobe até as ramas e volta no pássaro de novo. De forma inconsciente, como se fosse involuntário criei mais um triângulo “invisível” que une todas as partes da pintura. Este pensamento geométrico se baseia em entender o conjunto com traçados reguladores (linhas principais que constroem a composição), esqueleto estrutural (estrutura de ferro) e, por meio da direção compositiva (narrativa), a história é contada.

Passemos agora a estudar o porquê daquela escolha cromática. Como vimos anteriormente, pesquisei para depois comparar meu estudo cromático com a obra “Valores pessoais” do Magritte. Elas duas são semelhantes de forma compositiva e cromática, e além disso representam um sonho. Entendido de forma diferente, mas com a mesma intenção final. Ressaltando a ideia de um sonho, me encontrei na problemática de pensar quais seriam as cores certas e mais fiéis a este processo onírico.

Meus sonhos sempre são em preto e branco, mas decidi trasladar esta experiência em cores. Pensei que conseguiria mais força poética e chamaria mais a atenção do espectador, pois não podemos esquecer que uma obra de arte sempre está

composta de três elementos: artista (criador), obra (produto) e espectador (receptor final).

O triângulo invisível, ao se fechar, tem criado um espaço “único” que somente pode ser interpretado pela pessoa que se encontra na frente daquela obra de arte. Podemos chamar esse momento como um espaço hermético que dá pé a múltiplas interpretações ligadas a um olhar. A paleta cromática utilizada permite uma ampla gama de cores (é baseada nas cores primárias) e consta de branco de titânio, amarelo azo claro, amarelo ocre, terra de Siena, vermelho de cádmio, carmim, azul ultramar e preto de marfim.

Essas cores possuem para mim um significado interessante e fazem que a obra ganhe força poética. Me perguntei, em termos cromáticos, como pode ser representado um sonho? Pensei em algumas características: leveza, significados ou símbolos, pessoa e frases.

O céu grande, no fundo da pintura, é o segundo plano da composição. Funciona como imagem fundamental de um sonho: é leve, flutuante. O resto dos elementos, como o ovo gigante e escada miniatura, são objetos semelhantes no aspecto cromático. Possuem variações de marrons que se unem e criam uma ligação forte para dar uma leitura que faça com que esses elementos conversem entre si. Depois, o olhar sobe até o fim da árvore e desce das ramas até o pássaro, personagem principal da história. Como expliquei anteriormente, eles representam algo que está em constante movimento, não param, como nossos pensamentos que quase nunca estão quietos na nossa psique. Como apontaram os simbolistas:

“Um símbolo, pela sua verdadeira natureza, refere-se a uma realidade ausente. O Simbolismo estava imbuído de uma fortíssima nostalgia por um mundo de significados que se desintegra no espaço de poucas décadas. É esta a razão para a melancolia e ansiedade expressas sempre que um artista olha para além da superfície das coisas”.

**(GIBSON, 2006, p.20)**

Nesta pintura, o pássaro está representado por cores primárias: azul, amarelo e vermelho. A flor vermelha que nasce da escada cria uma união forte com ele e ambos se unem pela cor e forma. São objetos naturais funcionando num mesmo contexto. Aquela flor pode ser algo que nasce de repente e, com isso, também pode ser entendida de

maneira simbólica. Ela, como planta em si, por representar um ciclo de vida, pode ser também comparada em termos de significado com o pássaro. Dois objetos da natureza que se expressam como aquilo que emerge para representar alguma coisa. Neste caso, pensamentos (pássaros) e flor (ciclo de nascimento, crescimento e morte).

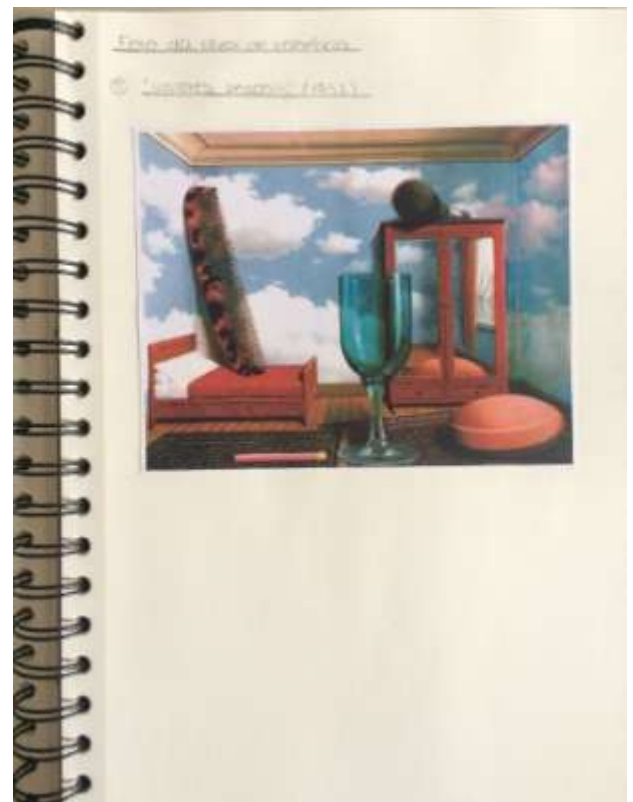
Recolhendo todo o anterior, temos então um sonho que está fragmentado em três partes. Pedacos que foram posteriormente unidos em harmonia para serem apresentados numa pintura ao público. Uma narrativa que funciona como chave e que dá início a este tema tão complexo e extenso: o nosso inconsciente.

### **1.1. ESTUDOS PREPARATÓRIOS**

Esta pintura, como as outras que serão apresentadas, formam parte da pesquisa que venho desenvolvendo desde o início deste projeto de conclusão de curso. A maioria delas foi iniciada com estudos prévios a uma pintura. Ou seja, o primeiro passo a seguir nesta pesquisa foi a coleta de imagens fotográficas. Depois disso preparei um desenho-estudo numa escala de tons cinzas, ou seja, um estudo tonal. O trabalho “Sonho fragmentado” também tem um estudo cromático prévio, e como o mesmo nome exige, este estudo está composto de três partes: a tela principal e as pequenas que se fragmentam dela. Explicando o anterior, três folhas de papel *Kraft*, uma mediana e duas muito pequenas, são o projeto desta obra pictórica.

Por conseguinte, também apresento as fotos de referência que utilizei para este método, elas estão expostas como colagem na terceira folha do meu caderno de estudo. Finalizando este processo, temos uma obra de Magritte, “Valores pessoais”, que foi utilizada como referência para a composição e na temática desta pintura.

Assim, apresento a seguir cada passo dessa construção.





Alejandra Popa, "Sonho fragmentado"; óleo sobre tela, 80 x 100, 40 x 30, 2019.

## CAPÍTULO 2

### 2. O DUPLO SENTIDO

Neste segundo capítulo apresentar uma segunda obra chamada “O duplo sentido”. O processo de criação também pode se dizer que foi “automática” pois surgiu no meu consciente como uma imagem representante do funcionamento do pensamento. Ela por si mesma é bastante simples, falando em termos de composição. Acredito que a força dela está no seu significado. Temos um céu-diurno que funciona como cenário de tudo e, na frente disso, temos como objeto principal uma cadeira representada de cabeça para baixo. Flutuante no espaço, ela gera uma sensação onírica ao espectador. Do mesmo objeto nascem ramos com folhas e com um girassol para criar estranheza, que caracteriza o Surrealismo. No mesmo plano compositivo, temos dois pássaros iguais que repousam em diferentes objetos da pintura. Um, acima de um pé da cadeira, e o outro, numa nuvem embaixo desse objeto, como se estivesse olhando àquela cadeira, como se esperasse por algo, talvez algo mágico que aconteça. Que significado tem toda esta narrativa?

Como pensavam os surrealistas, o fato mais importante numa pintura não é a técnica em si mesma. O que mais importa é o pensamento que está descrito ali de forma invisível. O jogo de opostos (cadeira-flutuante) fala sobre o pensar: a cadeira é a personagem principal, que em termos de função, deve estar fixa na superfície e ser usada para descansar. Ao deixá-la suspensa e de forma contrária no espaço pictórico mostro a estranheza, um convite a pensar sobre aquilo.

Na análise aprofundada sobre minha poética e os elementos expostos nela, nesta pintura o elemento principal está invertido. Mudei sua posição “original”. Ela está lá no meio da obra flutuando entre nuvens e num céu azul claro.

Como sempre, utilizo como base de inspiração obras do René Magritte, que servem como ferramenta composicional. Depois de ter estudado a obra completa deste pintor, as ideias já vem surgindo uma atrás da outra. Posso encaixar cada pintura dele nas minhas de forma muito fácil. Neste caso, comecei com estudos lineares prévios, foi uma forma de ir pensando na composição desta nova ideia poética. Temos então, como resultado, um objeto flutuante no espaço aberto chamado “Céu com duas aves”, que funcionam com um significado absolutamente simbólico nesta obra, como nas outras. É possível comparar este resultado com uma obra de Magritte. A meu ver, “O castelo dos



Pirineus” (1959) pode servir como semelhante à minha obra. Pode ter outro significado, diferente do meu trabalho, mas também fala de uma mesma coisa. Um objeto suspenso num espaço, um pensamento descrito por meio de uma imagem. Para ambos há um céu, que dá uma leveza e funciona como ar, como espaço vazio.

No significado do meu trabalho, “O duplo sentido” conta, como descreve o título, como um objeto adquire um sentido duplo. Uma cadeira simples, representada num suporte de formato retangular e apresentado de forma vertical. Nesta situação a cadeira não está representada na sua posição habitual. Está invertida como se estivesse caindo do céu. Algumas nuvens funcionam como suporte para dar leveza a este objeto flutuante. Em paralelo ao que está acontecendo, umas folhas aparecem nascendo das pernas da cadeira como se pudessem explicar alguma coisa em constante fluxo: os pensamentos de um indivíduo, personagem invisível deste conto. É claro, como sempre, os pássaros são o símbolo principal desta série de pinturas surrealistas. Neste caso apresento dois da mesma forma e cor. Ambos estão na mesma posição, apontando para o elemento principal, a cadeira-flutuante.

Podemos passar agora para a parte analítica da composição. Ela pode ser abstraída por meio de um triângulo, que começa desde a nuvem no vértice inferior esquerdo, sobe até o pássaro que descansa na cadeira, e desce no olhar até o pássaro da direita inferior. O triângulo se compõe pela cadeira invertida e os pássaros, que por sua vez também podem ser abstraídos como triângulos que disparam o olhar para dentro da cadeira-flutuante. Os três elementos orgânicos que surgem do objeto são possíveis de se entenderem como suporte da ideia de algo orgânico, surgindo de um objeto “rígido”. Contrariando essa ideia, ela flutua no espaço e acima das nuvens.

Com poucos elementos compositivos busquei transmitir ao espectador a sensação de que algo não está “bem”. Qualquer um pode se perguntar como pode uma cadeira flutuar. O sujeito se vê refletido naquele objeto, invertido e flutuante, que produz uma identificação de reconhecimento automático, por ser um objeto do cotidiano, associado à vida de qualquer indivíduo. Nesta situação, cadeira-indivíduo representa uma experiência onde um elemento que tem uma função específica, quando quebrada, causa estranheza.

Para continuar, o pássaro da direita da pintura, que repousa na nuvem e olha para o todo, convida a entrar na pintura. Podemos entender este elemento de forma geométrica como um triângulo que abre a obra. Também podemos dizer que estas duas aves são a abertura e o fechamento do trabalho, respectivamente. A ave da direita

funciona como abertura e a ave da esquerda como fechamento do trabalho. Se pode traçar uma diagonal forte de ponta a ponta do quadro. Esquina com esquina coincidem.

Por outra parte, temos um céu claro de fundo que funciona como “ar”, necessário para que esta personagem principal se suspenda no espaço pictórico. Um céu diurno abre espaços nos quatro lados da cadeira para servir como suporte da ideia de “flutuar”.

Assim, com essa problemática, o espectador pode criar uma história ou uma pergunta. Será que depois disto vem outro quadro? Será que faz parte de uma série de mais uma ou duas obras? Esta incógnita é a magia que enriquece o trabalho, dá um mistério ao igual que os surrealistas faziam, gerando suspense com suas obras filosóficas. Magritte, Dalí, De Chirico, de uma ou outra forma foram um apoio e inspiração para minha poética. Nesta pintura, analisar e pensar no processo que eles utilizavam para criar sensações, foi de grande ajuda. Posso dizer que “Sonho fragmentado” gerou esse trabalho e até é possível pensar que esta obra anterior foi parte do processo desta segunda pintura.

Em relação ao cromatismo, eu o considero um pouco reduzido. Conta com cores claras e passagens sutis. Esta pintura tem mais uma intenção de força poética que pictórica. O olhar se fixa muito no elemento que está representado de forma “especial”. Ou seja, a escolha cromática funciona como suporte para essa intenção. Tons de marrons, pinceladas de verde, e algo de amarelo jogam em harmonia para flutuar num fundo azul. Os dois pássaros de cores claras: azul, verde e magenta. As três cores juntas dão leveza ao todo. Pássaros e flor são os únicos pontos mais saturados, suficientes para dar vivacidade, mas sem criar muita vibração na leitura da pintura. Acredito que, nesse caso, a maior importância está na temática em si.

“O duplo sentido” nos conta com simplicidade e de forma direta a representação do trabalho dos pensamentos. Associando objetos relacionados com o ser humano é possível falar deles usando como meio expressivo uma pintura surrealista. A cadeira flutuante fala por si mesma, por estar lá pintada de forma invertida, com folhas e pássaros nascendo dela. Terminamos aqui o segundo capítulo desta pesquisa.

## **2.1. ESTUDOS PREPARATÓRIOS**

Muito parecido ao procedimento anterior, comecei com estudos lineares para depois decidir por um deles e escolher “o mais representativo”. Isso foi





Alejandra Popa, "Duplo sentido"; óleo sobre tela, 100 x 60  
cm 2019

## CAPÍTULO 3

### 3. PENSAMENTOS SURGINDO

Neste último trabalho, o processo criativo surgiu de forma diferente dos outros. Comecei tirando fotos referenciais para um projeto de desenhos que venho desenvolvendo há um tempo. Esses desenhos falam sobre a relação entre o corporal e a natureza. A última pintura que apresento segue uma formulação natural, com referências de plantas vistas na rua e imagens de um céu e um crânio. Todas estas referências fotográficas fazem parte deste conjunto, que depois foram trasladadas em estudos de claro-escuro e um estudo cromático. Comparei esta obra com a série de nuvens de René Magritte “Perfeição celestial” (1930). Esta série bastante simples é composta de recortes de um céu diurno. A obra consta de quatro telas expostas de forma separada onde figuram nuvens. Brancos e cinzas se expressam de forma solta sobre fragmentos de um mesmo céu.

“Pensamentos surgindo”, nome deste último trabalho, consta de um crânio que flutua num céu-diurno, com flores de cores sobrepostas às nuvens. Acima do crânio pousa um pássaro com as asas abertas. Ele representa pensamentos em produção, nascendo. A posição do pássaro dá a entender “algo” está em movimento. Pensando mais sobre o significado desta pintura, de sua diferença com as anteriores, esta vai além, pois neste caso pretendo representar pensamentos enquanto são elaborados. Dentro desse espaço pictórico se estão produzindo novas ideias, seja do pintor ou, porque não, do próprio espectador.

A figura principal, que é o crânio, está pintada do lado direito do quadro. Possui força visual própria, reforçada pela flor e pelo pássaro. As flores de cor rosa que surgem das nuvens e do crânio explicam que “algo” está nascendo ou em movimento, como nossos pensamentos. O céu dá um ar surrealista à obra, fala sobre o que é estranho. Como um crânio pode flutuar num espaço que remete ao céu e com flores nascendo dele?

Entremos agora na parte analítica do quadro. Temos um formato retangular apresentado de forma vertical e, dentro dele, formas circulares e triangulares. A figura principal (crânio) flutua no meio de tudo, disposto à esquerda da composição. Se traçamos duas diagonais de ponta a ponta em cada esquina da pintura, chamadas traçadas reguladoras, há como formas principais da composição os seguintes elementos:

pássaros, crânio, flores e nuvens. Ao abstrair a forma principal crânio, entendida como um círculo, percebemos que ele flutua por ser uma forma leve e a mais simples geometricamente falando. Se entendemos os pássaros de forma abstrata como triângulos, essas formas pela sua composição em diagonal, dão velocidade na leitura da obra. Ao mesmo tempo, criam estabilidade na pintura, se olharmos os três pássaros. Todos eles formam um triângulo invisível.

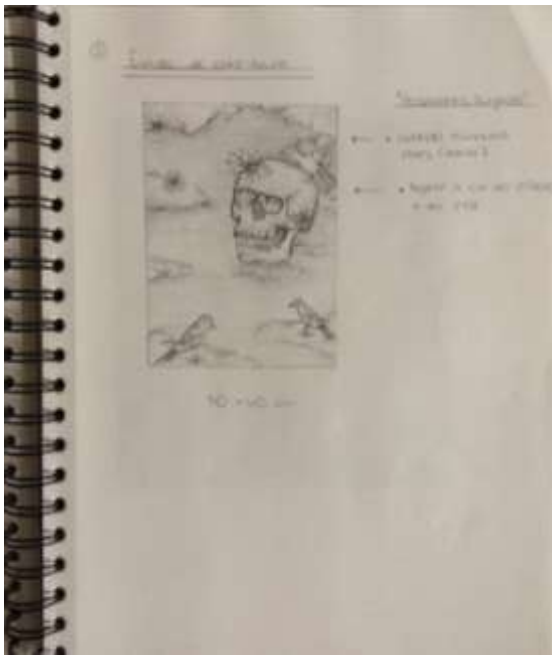
Continuando, crânio e pássaros jogam em um mesmo plano. Na História da Arte já foram muito utilizados para representar diversos acontecimentos históricos e pinturas com maior intenção autoral. Neste quadro, “Pensamentos surgindo”, nasceu por plena inspiração. Me inspirei em textos e trabalhos anteriores, como o pensar que se recria por estímulos prévios. Neste caso, foi por causa da leitura e da pintura.

Apresento aqui neste terceiro capítulo da minha pesquisa poética como escolhi pintar nossos pensamentos: um céu de cenário das formas entra em jogo com um crânio que representa uma mente que pensa e sente. Um pássaro principal que, alerta e com as asas abertas, e em cima de um crânio, dá a entender que a cabeça gera pensamentos e floresce ao estar acompanhado de plantas. Ao surgirem acompanham a ideia principal da história.

A parte cromática desta obra relaciona-se às anteriores. Simples, com cores claras e vivas, busco que toda esta série de pinturas possua uma relação, um fio condutor que englobe a poética como se estivesse numa peça única ou apresentadas em conjunto numa exposição. As cores repetidas nos pássaros e nas flores integram o trabalho todo. O olhar faz um percurso no mesmo circuito. As formas por serem iguais também integram o trabalho e criam uma leitura completa da obra.

### **3.1. ESTUDOS PREPARATÓRIOS**

Procurando as referências que guardo para serem utilizadas na série de desenhos anatômicos, criei esta obra. Fui ao caderno de estudo, fiz muitos estudos lineares e no terceiro dos três optei por selecionar um deles e começar pelo claro-escuro. Logo fiz um estudo cromático para ter como base e começar a pintar. De forma irônica, as ideias surgiram pensadas e “não pensadas”, parecia que não havia muita intencionalidade, mas era o próprio inconsciente trabalhando. O resultado do procedimento foi mais uma obra desta série poética. A continuação os estudos preparatórios.





Alejandra Popa, "Pensamentos surgindo"; óleo sobre tela, 90 x 60 cm, 2019.



## CAPÍTULO 4

### 4. O QUARTO FILOSÓFICO

Apresento neste capítulo uma obra que foi feita no ano passado e fala de um quarto. Trata-se de um canto onde há, sobre uma mesa lisa de madeira, um crânio que se apoia sobre uma parede-céu. Três pássaros da mesma cor criam um conjunto e, ao mesmo tempo, uma harmonia para o quadro. Cada um deles tem uma posição específica: um descansa sobre a figura principal (crânio) e os outros dois simplesmente olham para ele. Um está em cima da mesa e o outro sobre a rama da árvore.

Com esta obra também pretendo falar como podem ser pintados nossos pensamentos. Neste caso a pintura foi mais consciente, mais planejada do que a anterior. Utilizando como ponto de partida a obra do meu pintor-suporte “O quarto que escuta” (1958), estudei a composição dela assim como sua paleta cromática. Com algumas variações em comparação com minha pintura, “O quarto que escuta” fala sobre um quarto de tamanho normal que tem uma característica especial: ele escuta de forma diferente. Ou seja, escuta além das palavras e dos sons. A qualidade do especial o dá uma maçã como figura principal, representada em tamanho gigante. Esta ocupa quase todo o formato da pintura e até parece que vai explodir. Esta obra do René Magritte, como base inicial, me serviu de muita inspiração na composição e tema. “O quarto filosófico” nos conta com seu próprio estilo, como um crânio (a mente) pensa e pode filosofar sobre diversos temas.

Entremos agora no significado do quadro e analisemos a composição. Esta pintura fala por si mesma e com o mesmo estilo que as anteriores que fazem parte desta pesquisa poética, como pode ser pintado nosso inconsciente.

“Como falava o simbolismo e os poetas deste movimento artístico, o arte se trata de um estado mental. O poeta simbolista (Gustave Kahn) pensava que a metáfora ela como tal principalmente sugere uma sede que apenas se consegue estancar na fonte dos sonhos”. (GIBSON, 2006, p.18)

Os símbolos utilizados nesta pintura, ao igual que na anterior obra representam o mesmo. Uma mente - nossa psique- que pensa e que gera ideias – os pássaros-. Com

uma composição muito similar, é possível pensar que uma coisa foi a evolução da outra. Neste caso esta pintura levou ao nascimento da anterior falando na ordem cronológica.

Estes dois símbolos jogam em conjunto no mesmo espaço bidimensional para explicar uma mesma poética. “O quarto filosófico” nos conta sobre o que está invisível, um espaço parte de uma pessoa que pensa e sente. A psique está representada de forma simbólica, é seu próprio espaço e pensamentos. Uma pintura que embora seja pequena, possui muitos conteúdos por trás, escondidos em formas que falam por si mesmas. Busco com esse trabalho produzir de forma similar à proposta do Magritte, quero interrogar ao espectador sobre o mistério ou a estranheza escondida detrás de todos esses elementos em conjunto.

Analisemos os elementos de este espaço pictórico. O maior peso está concentrado na parte esquerda da obra: crânio e pássaro, do lado direito. Os três pássaros entendidos de forma abstrata como triângulos dão velocidade à composição e criam uma dinâmica para o olhar. Tudo o que está acontecendo tem movimento por suas formas e cores. A mesa apoiada na parede-céu se relaciona com a rama da árvore, que dá unidade à pintura. Como os três pássaros estão pintados da mesma forma, são apresentados como iguais para o público. Quanto ao céu, ele dá uma leveza ao quarto, que sendo um espaço fechado, o céu convida à elaboração de pensamentos. Para isso pensei que devia ser leve e de cores claras, como os pensamentos do dono do quarto. O que foi pintado foram os pensamentos enquanto aquela pessoa sonhava. Um quarto onde num sonho profundo uma pessoa qualquer teve imagens em constante associação umas com outras, embora não fossem aparentemente lógicas

O processo criativo desta obra, como as anteriores, foi por meio de inspiração dada a partir dos processos de pesquisa sobre o tema e trabalhos que já havia realizado anteriormente. Essa pintura em si foi realizada no ano passado na disciplina Pintura 5. Foi a última pintura das quatro que tive que produzir como parte da matéria. Esta quarta pintura foi produto de uma evolução de ideias prévias que funcionaram como uma engrenagem no meu processo de criação como artista. Percebo que uma pintura é sempre a evolução ou inspiração da outra.

Para falar sobre esse procedimento poético, cito Meuris:

“Por mais que ele se considerava um pintor realista, não era simplesmente um pintor da realidade. Dizia: O que tem que pintar está limitado a um pensamento que pode ser descrito por meio da pintura. (...) Este pensamento se torna ativo, começa a ter forma

quando organiza as figuras do mundo aparente numa ordem que evoca o mistério. Como concebia o mistério? Tratava de descobrir a origem dos mecanismos que geram aquela sensação, reconhecendo que não se podem explicar mas sim pressentir. Ao igual que Heidegger considerava que o mistério es inerente à essência da verdade, para ele a pintura não devia ser poesia, com seu poderoso poder de encantamento e encontrava uma íntima relação entre o mistério e poesia: existe o mistério porque a mesma imagem poética possui uma realidade”. (MEURIS, 2007, p. 76, 112)

Acredito que meu processo está baseado nos mesmos princípios que os dele. No meu entendimento, o pensamento escondido que está ali pintando está fantasiado de formas que parecem contar uma história mais simples; mas, na verdade, possuem simbologia mais complexa trás de si.



Alejandra Popa, “O quarto filosófico”; Óleo sobre tela, 50 x 50 cm, 2019.

## CAPÍTULO 5

### 5. A PINTURA DE UM SONHO

Aqui neste quinto capítulo fecho a pesquisa e apresento a última obra “A pintura de um sonho”. Também foi produzida no ano passado e representa outra produção onírica. Neste caso o pássaro é grande em relação aos outros objetos. Convida a dar um olhar misterioso e nos introduz à obra para depois passar aos outros elementos. Temos então uma pintura surrealista com uma narrativa que começa a ser contada mediante uma natureza morta impossível, mas neste espaço o irreal pode acontecer.

A criação consta de quatro objetos: uma tigela com ovos, alguns de cor natural e outros coloridos em verde e carmim. Do lado, temos uma garrafa de vidro que tem por cima uma flor carmim nascendo. Para completar, esta pequena natureza morta aparece acompanhando um pássaro de cores neutras com uma cabeça vermelha que chama muito a atenção. O espectador tende a fixar-se no olhar do pássaro para depois descer nos outros elementos do quadro. Atrás, temos um céu diurno que acompanha toda a história dando uma leveza ao trabalho, mostrando que o que está acontecendo não se trata de uma pintura tão simples assim. Trata-se de um sonho que pode ser o próprio sonho do autor. O que se gera é uma inquietude para o público espectador, por causa da estranheza dos seus elementos compositivos. Os ovos coloridos parecem estar num café da manhã. A seu lado, uma garrafa com uma flor nascendo com as mesmas cores dos ovos causa estranheza. Para acompanhar esses elementos há um pássaro consideravelmente grande, que parece cuidar desses elementos misteriosos.

Quanto ao processo criativo, fui integrando as formas umas com as outras para criar esta peça artística. Se desprende da imagem do pássaro dois objetos relacionados a ele. Os ovos são o estado inicial deste animal, e a garrafa com a flor se juntam cromaticamente sendo repetidas as cores em dois ovos. Acompanhado aquilo, temos um céu que integra os elementos e dá um cenário composto por nuvens e de um azul claro.

Em outras palavras, esta obra nos conta com seu próprio estilo a evolução onírica transformado num espaço bidimensional. Os artifícios convertidos em objetos irreais participam nesta pintura, e cada um deles tem sua função específica um com o outro se anexam como peças de quebra cabeças. É claro que não é possível saber de forma exata como surge uma obra de arte. Este é um processo único em si. Podemos

somente até um certo ponto tentar reconstruí-lo, mas ele sempre será único e impenetrável, ligado à imaginação do artista criador.

Voltando às questões levantadas anteriormente, todas essas sensações são geradas por esta imagem surreal, o estranho dentro de uma composição cobra sentido comum e poético. Formas que parecem não ter relação jogam em conjunto num mesmo espaço poético. Temos aqui, um sonho apresentado de forma muito particular por seus elementos compositivos, representado neste caso numa pintura com viés surrealista.

Podemos passar agora para uma etapa final deste quinto capítulo. Analisemos e pensemos a composição deste quadro e também na paleta que foi utilizada. Se pode ver de forma abstrata um triângulo grande que começa no rabo do pássaro até a cabeça, e segue descendo até a natureza morta do lado direito da pintura. Também se pode ver o bico do pássaro que faz uma ponta em direção de saída da pintura. É possível entender essa natureza morta como mais um triângulo da obra. Os dois apresentados de forma vertical para o público dão estabilidade, como os dois planos, terra e céu, pintados de forma horizontal, que também dão uma sensação de calma na leitura da obra.

A paleta cromática utilizada, é a mesma utilizada na obra anterior. Simples e de cores claras, que geram uma sensação de leveza ao quadro. Pensemos agora no todo, um sonho pintado que se apresenta com uma imagem misteriosa. Um mistério que tentei representar neste caso de uma forma diferente das outras obras, utilizando minha ferramenta-automática (o pássaro) agora num formato grande. Ele dá uma força poética muito significativa nesta pintura pelo seu tamanho em comparação com o resto dos elementos do quadro. Esta obra fala, com sua linguagem particular, sobre um sonho misterioso em si mesmo com objetos cotidianos apresentados.



Alejandra Popa, “A pintura de um sonho”; óleo sobre tela, 60 x

## CONCLUSÃO

Desde o começo do curso tive que pensar num tema poético que devia ser pesquisado e depois ser representado em pinturas. O interesse pelo surrealismo veio pela curiosidade que tenho em entender como funciona a nossa psique. Tenho uma irmã psicóloga que admiro e eu, de forma curiosa e interessada, sempre quis aprender um pouco mais sobre seu trabalho.

As formas se foram engrenando no transcurso do Curso de Pintura. Constantemente trabalhei com imagens de crânios, cadeiras flutuantes, espaços vazios como quartos, paisagens com céus de fundo, baús de madeira e, claro, a personagem principal, representada pelos pássaros, que apareceram de forma a configurarem uma ferramenta-automática que explica como nossos pensamentos se fazem inconstantes, sempre em movimento.

Cada capítulo deste projeto explica a evolução de cada obra que foi realizada, assim como a preparação prévia de cada trabalho, seja por tema, forma e cor. Para escrever cada capítulo desta pesquisa, utilizei diversos textos e livros relacionados com o tema. Artigos sobre meu pintor suporte, René Magritte, e um livro dele, foram de grande inspiração. Outros dois livros: “Arte e psicanálise” e “Surrealismo” foram básicos para entender a complexidade do meu tema poético. Iniciando como ponto de partida, percebi que o Movimento Surrealista pode nos dar a entender como o arte pode ser interpretado. O autor de “Arte e psicanálise”, Juan David Nasio, analisa no segundo capítulo do livro o significado que há escondido na obra do artista suíço Felix Vallotton.

“Si queremos sentir de verdad la fuerza de una obra como esta, capaz de hacernos experimentar emociones inéditas, primero tenemos que intentar sentir lo que sintió conscientemente el artista al ejecutar su tela. Deslizarnos en su inconsciente y revivir antiguas emociones sepultadas que él supo, con tanto talento, transformar en imagen. (...) Felix Vallotton ha sido el padre de una multitud numerable de figuras y de personajes: el asesino, el violador, el marido infiel, el hombre apuñalado, la mujer en una sombra, variedad de actitudes – desnuda, dormida, bañista, coqueta, amorosa, adúltera, enferma, odiosa, salvaje, etc.- y otros mil personajes vivientes y actuantes. ¿Cómo los concibió? ¿Dejándose guiar por las obras de sus maestros, por la pintura de su época, por la observación de escenas de la vida cotidiana, o aún por haber experimentado el mismo las situaciones de sus personajes? Sin duda. (...) Todos los personajes que Vallotton pinta, graba, o dibuja han surgido de

su imaginación, y su imaginación ha surgido de su imaginación interior. Y, ¿que mira? Mira lo que podría haber sido pero no fue, mira su inconsciente.

(...) Así es como sus personajes nacieron y poblaron sus obras. Vallotton es un mundo bullente de vidas encerrado en un hombre. (...)”<sup>5</sup> (NASIO, 2015, p. 29 et seq.)

Com tal citação busco explicar que, como o procedimento de Vallotton, toda esta série de cinco pinturas foram pensadas de uma forma muito similar. Cada elemento do meu trabalho esconde como a meu ver é possível representar este tema. Apareceram no meu consciente de forma automática para descrever os processos oníricos e os pensamentos. Foram, dessa forma, transformados em uma série de pinturas que ao simples olhar parecem não ter muito sentido. Porém, ao termos uma noção de conjunto, todos cobram um sentido comum.

Pretendo continuar com esta pesquisa porque me apaixona o tema e ela ainda está numa fase de evolução criativa e acadêmica. O tema é muito complexo e entra em outras áreas profissionais. Ainda posso pesquisar mais sobre o Surrealismo e tudo o que pode estar ligado a ele.

---

<sup>5</sup> T. da A.: “Si queremos sentir de verdade a força de uma obra como esta, capaz de fazer que sintamos emoções inéditas, primeiro temos que tentar sentir o que sentiu o artista ao criar sua tela. Deslizar no seu inconsciente e reviver as antigas emoções guardadas que ele conseguiu, com tanto talento, transformar em imagens. (...) Félix Vallotton tem sido o pai de uma grande quantidade de figuras e de personagens: o assassino, o esposo infiel, o homem apunhalado, a mulher numa sombra variedades de atitudes-desnuda, dormida, tomando banho, amorosa, enferma, odiosa e etc. E outros mil personagens viventes e atuantes. Como criou eles? Deixando como guia as obras do seus maestros, pela pintura da época, pela observação da cenas da vida cotidiana ou por ele ter experimentado todas essas diversas situações? Sem dúvida. (...) Todas as personagens que Vallotton pinta, grava ou desenha tem surgido da sua imaginação, e sua imaginação tem surgido de sua imaginação interior. E, o que vê? Vê o que poderia ter sido mas não foi, vê seu inconsciente. (...) É assim como a suas personagens nasceram e entraram nas suas obras. Vallotton é um mundo fervente de vidas, transformado em um homem (...)”.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBIERI, M., & JANOVICH, M. (2011). Lectura Hermenautica de las Obras de Rene Magritte. *PPPG - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduacao*, 65-73.
- BRADLEY, F. (1998). *Surrealismo*. Londres: Tate Gallery.
- GIBSON, M. (2006). *Simbolismo*. Koln: Taschen.
- GONZÁLEZ GARCÍA, R. (2017). El Pensamiento Vuelto Cosa: René Magritte y su Paradójico Imaginario Visto desde el Prisma de lo Fantástico. *BRUMAL*, 245-266.
- KONERSMANN, R. (1996). *La Reproducción Prohibida - René Magritte*. Madrid: Siglo Veintiuno Editores.
- LARRAÑAGA ALTUNA, J. (2015). Pinturas para un Hermoso Periodo de Incertidumbres. *METAL*, 14-23.
- NASIO, J. (2015). *Arte y Psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós.
- ROLNIK, S. (1997). Uma insólita Viagem à Subjetividade. *Núcleo de Estudos da Subjetividade - PUC-SP*, 1-11.